

APRESENTANDO VICTOR TAUSK

*Luis Eduardo Prado**

*Marta Raquel Colabone***

*Carolina Vidal****

RESUMO

Este artigo busca situar Victor Tausk, clássico autor da psicanálise, dentro do movimento psicanalítico a partir de análises históricas, por meio do entrelaçamento de textos. Tausk, advogado, também atuou com jornalismo e literatura, escrevendo poemas, contos e peças de teatro; conhece Freud a partir de uma crise de depressão que atravessa. A partir daí, a psicanálise passa a fazer parte de sua vida pessoal e profissional. No entanto, seu suicídio fez com que seu nome fosse parar nos limbos da história da psicanálise, como se jamais tivesse existido. Reconstruímos a biografia de Tausk, retirando-o desse lugar em que se encontrava e abordamos outros elementos necessários para constituir o mapa das posições de Tausk na história da psicanálise. Em posse desses elementos, apresentamos uma visão clara do que foram os dez anos de presença de Tausk no movimento psicanalítico de Viena. Esperamos que este artigo traga ao leitor atento um vislumbre da vida e da obra deste grande psicanalista e lhe acenda a curiosidade para buscar lê-lo.

Palavras-chave: Tausk, Freud, Andreas-Salomé, Correspondência, Atas.

PRÉSENTATION DE VICTOR TAUSK

RÉSUMÉ

Cet article cherche à situer Victor Tausk, auteur classique de la psychanalyse, dans le mouvement psychanalytique à partir de l'analyse historique, à partir d'une lecture croisée des textes qui se réfèrent à lui. Tausk, formé en droit,

* Psicanalista, membro de Espace Analytique – Paris, professor emérito de história da psicanálise e de psicopatologia, Centre de Recherches en Psychanalyse, Médecines et Sociétés, (CRPMS), École doctorale Recherches en Psychanalyse, Faculté de psychologie, Université de Paris 7-Denis Diderot.

** Historiadora, psicanalista, membro do Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP).

*** Psicanalista, membro da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID), Rio de Janeiro.

ayant exercé dans cette profession, ayant également travaillé comme journaliste, écrit des poèmes, des nouvelles et des pièces de théâtre. Il rencontre Freud lors d'une crise de dépression qu'il traverse. Dès lors, la psychanalyse fait partie de sa vie personnelle et professionnelle. Cependant, son suicide jette son nom dans les limbes de la psychanalyse, comme s'il n'avait jamais existé. Nous avons reconstruit la biographie de Tausk, en le retirant de ce lieu où il se trouvait et avons abordé d'autres éléments nécessaires pour constituer la charte des positions de Tausk dans l'histoire de la psychanalyse. Nous espérons que cet article apporte au lecteur attentif un aperçu de la vie et de l'œuvre de ce grand psychanalyste et suscitera sa curiosité pour chercher à le lire.

Mots clés: Tausk, Freud, Andreas-Salomé, Correspondance, Procès-verbal.

INTRODUCING VICTOR TAUSK

ABSTRACT

This paper aims to situate Victor Tausk, classic author of psychoanalysis, within the psychoanalytic movement from historical analysis, through the interweaving of texts. Tausk, a lawyer, also worked with journalism and literature, writing poems, short stories, and plays; he meets Freud when he falls ill with a depression crisis. From then on, psychoanalysis became part of his personal and professional life. However, his suicide sent his name into limbo in the history of psychoanalysis, as if it had never existed. We reconstructed his biography, bring him from this place where he was and approached other elements necessary to constitute the map of his positions in the history of psychoanalysis. With these elements in hand, we present a clear idea of what were the ten years of his presence in the Vienna psychoanalytic movement. We hope that this article will bring the attentive reader a glimpse of this great psychoanalyst's life and work and spark his curiosity to seek to read him.

Keywords: Tausk, Freud, Andreas-Salomé, Correspondence, Minutes.

I

A primeira edição das *Obras Psicanalíticas* de Victor Tausk data de 1976 na França; em 1977, elas foram editadas na Espanha; em 1979, na Itália. Versão completa de suas obras, incluindo seus trabalhos não psicanalíticos anteriores ao seu encontro com a psicanálise foram publicados na Alemanha, em 1983 (Roazen, 1991, p. 5). No Brasil, foi publicada em 1990 um *Tausk e o Aparelho de Influenciar na Psicose*. E, nos Estados Unidos, finalmente, em 1991, os *Collected Psychoanalytic*

Papers. Agora, prepara-se no Brasil, para 2022/2023, a edição das *Obras Psicanalíticas* a serem publicadas em São Paulo sob a direção de Alexandre Socha, quem motivou a redação do presente artigo. Ela deveria ter sido a apresentação geral antes de ser censurada por ser considerada como faltando de respeito para com Freud. Assim sendo, cabe ao leitor de nosso *Tempo Psicanalítico* julgá-lo.

O volume editado na França conta com prefácio de Thérèse Neyraut-Sutterman e posfácio de Jean Gillibert. Passaremos os equivalentes das edições espanhola, italiana e alemã por não serem com elas que trabalharemos. Já o volume publicado no Brasil conta com prefácio de Joël Birman e com posfácios de Chaim Samuel Katz e, de novo, de Birman. Enquanto o volume publicado nos Estados Unidos leva prefácio de Paul Roazen.

Os títulos desses trabalhos são importantes também para situarmos o interesse suscitado por Tausk ao longo do tempo. O prefácio de Neyraut-Sutterman tem como título “Victor Tausk: um homem de destino” e o trabalho de Gillibert aparece como “Posfácio em forma de Prefácio”. A partir de Freud e de Tausk, concentrou-se quase inteiro no “aparelho de influenciar”. Os títulos de Birman são igualmente expressivos da recepção de Tausk no Brasil e no mundo — “Para introduzir à leitura de Tausk”, “Memória, silêncio e esquecimento”. Sobre Tausk e a história da psicanálise, “Os impasses do sexual na psicose”. Enquanto o título de Katz é “O aparelho de influenciar: pequeno acompanhamento”. Já para Roazen, seu prefácio dá o título ao livro contendo os artigos de Tausk em inglês — “*Sexuality, war and schizophrenia*”. Entre 1976 e 1991, Tausk torna-se conhecido no mundo. Em 1990, Birman e Katz dão a lista dos artigos apresentados na edição francesa referindo-se à edição original em alemão dos textos esparsos. A tradução que se prepara, enfim, no Brasil, corresponde à lista dos artigos preparada por Birman e Katz, já figurando na edição francesa original.

Para apresentar de novo Tausk aos leitores brasileiros, podemos retomar o que escrevia Birman, em 1990, a saber — “A introdução de Tausk entre nós se impõe por várias razões. Antes de mais nada, Tausk já se constitui em um autor clássico da psicanálise e é evidentemente importante que possamos conhecer os autores fundamentais da nossa disciplina, isto é, aqueles que foram ativamente responsáveis na constituição do saber psicanalítico.” (Birman, 1990, p. 11).

O plano de Birman e de Roazen é o mesmo em suas grandes linhas. Trata-se de situar Tausk dentro do movimento psicanalítico e apresentar passo a passo seus artigos, embora o primeiro não os publique como o fez mais tarde o segundo. Entretanto, ambos o fazem a partir de análises teóricas gerais, e não de maneira histórica exata, por meio do entrelaçamento dos textos, como o fazemos aqui com nosso “Mapa para abordar a presença de Tausk na história da psicanálise.” Katz segue os passos de Gillibert em seu posfácio, ou seja, estuda e associa no essencial a partir do “Aparelho de influenciar na psicose”, que lhes serviu como base para seu tão rico volume precursor da presença de Tausk entre nós.

II

Em 12 de março de 1879, nasce Victor Tausk em Zsilina na Eslováquia [Neyrault-Sutterman, 1976, p. 9 e seguintes]. Pouco depois, seus pais mudam-se para a Croácia, ainda parte do Império austro-húngaro. O menino cresce falando alemão, língua de sua mãe, que nunca conhecera outra língua. É o primeiro de fratria de 8 outras crianças, 6 irmãs e 2 irmãos.

Os pais parecem sempre terem brigado, prisioneiros de casamento fecundo, porém pouco harmonioso. A mãe é muito bonita, culta, inteligente, tendo ideias de esquerda, corajosa, devotada a seus filhos, anjo fiel, com frequência menosprezada pelo marido que não cumpre com suas obrigações financeiras para com a família e a coloca em situação de depender de sua própria mãe. O pai é inteligente, brilhante, ambicioso, sedutor fora de casa, onde, ao contrário, ele é autoritário, mesquinho, infiel.

Tausk é muito apegado à sua mãe, por sua vez bem próxima a ele. Amigo e protetor de suas irmãs e de seu irmão mais novo, os leva a se revoltarem contra o pai, de quem detesta até o nome. Esse pai é tratado como um intruso teatral.

Jovem, Tausk aprende várias línguas, segue estudos brilhantes em direito, não em medicina como teria gostado, pois esses são longos e caros, e a situação financeira da família não o permite. Em 1897, muda-se para Viena, cidade de onde vinha sua mãe. No ano seguinte, encontra Martha Frisch, mais jovem que ele dois anos. Os pais dela são contra o casamento, mas ela está apaixonada e se revolta. Em 1900, casam-se, após Tausk ter-se convertido

ao catolicismo e se batizado. Embora Martha seja militante marxista convicta e seu pai seja judeu, ela é cristã como sua mãe, e Tausk tem que se converter para poder se casar. Ele evoca com frequência o judaísmo de suas origens, sendo discreto sobre sua conversão. Casados, eles mudam-se para Sarajevo, onde Tausk retoma seus estudos de direito. A primeira criança do casal morre durante o parto; dois outros filhos nascem, Marius, em 1902 e Victor Hugo, em 1904. Tausk termina seus estudos de direito, indo exercer em Mostar, para onde se muda a família. Sua relação com o sogro é similar à que mantém com o próprio pai. Pouco a pouco, a vida com Martha se desagrega. Ela é intelectual, com ideais sociais que ela põe em prática através de conferências e artigos, se preocupando pouco com a feminilidade tradicional, embora sua dependência afetiva do marido seja clássica, enquanto ele tem ambições bem diferentes da vida conjugal. Eles separam-se. Em 1905, ela retorna a Viena, onde trabalha como contadora. Ambos, ela e Tausk, guardam relação forte através das crianças e de uma correspondência que mantêm durante toda a vida. Em 1906, com 27 anos, Tausk instala-se em Berlim, abandona o direito, trabalha em jornalismo, escreve poemas, contos, peças de teatro, tem ambições literárias. Em 1907, uma depressão de aparência banal torna-se uma derrocada massiva e brutal, da qual ele se recupera com relativa rapidez. É nesse período que lê um artigo de Freud, a quem escreve, seguindo o conselho de uma de suas irmãs. Em resposta a sua carta, recebe convite para ir estudar psicanálise em Viena.

III

Podemos dizer que *Irmão Animal: a história de Freud e Tausk*, de Paul Roazen¹ (1936-2005), tirou o nome de Victor Tausk (1879-1919) dos limbos da história da psicanálise, cujo suicídio ligado ao nome de Freud o havia jogado. Durante anos a fio tudo se passava como se ele jamais houvesse existido. Embora suas considerações sobre as duas fases sucessivas de identificação e de projeção, em artigo seminal — “Da gênese do ‘aparelho de influenciar’ no curso da esquizofrenia” —, tanto quanto esse artigo em si próprio, houvessem fecundado o movimento analítico, servindo, por exemplo, como fonte para o conceito de “identificação projetiva” proposto e defendido por Melanie Klein, era como se ele fosse inexistente.

O livro de Roazen reconstrói a biografia de Tausk com importante capítulo no qual mostra as confusões inextricáveis com suas mulheres — com frequência, antigas pacientes. “Mais do que um Quebra-Cabeça Chinês”, (Roazen, 1995, pp. 98-117) e “Grandes Realizações” (Roazen, 1995, pp. 118-145) retratam com minúcias a vida de Tausk em época de grandes confusões, chegando até às horas precedendo sua morte.

Esse trabalho desencadeou tempestade em torno do nome de Tausk, sugerindo que seu suicídio tivesse algo a ver com a recusa de Freud de aceitá-lo em análise, além de tê-lo aconselhado a começar análise com Helene Deutsch, da qual era o supervisor. Tudo se passou como se, apesar de recusá-lo como paciente, Freud tivesse empregado manobra no mínimo bizarra para observá-lo por meio da supervisão com Deutsch. Sublinhando tudo isso, Roazen parecia questionar o papel de Freud no suicídio de Tausk. Kurt Eissler saiu em campo, paladino da psicanálise, atacando Roazen, desqualificando suas análises do ocorrido entre Freud e Tausk.

Roazen, entretanto, trouxe mais tarde três elementos novos. O primeiro foi o testemunho de Ludwig Jekels, um dos mais antigos psicanalistas, que intercedeu por Tausk junto a Freud, pedindo-lhe que aceitasse analisá-lo. Freud teria respondido a Jekels não poder fazê-lo devido a seu temor que Tausk o matasse (Roazen, 1991, p. 10). O segundo, testemunho de Paul Federn, amigo íntimo de Tausk, que, questionado por Roazen sobre as razões do suicídio de seu amigo, lhe respondeu: “o motivo foi Freud ter-se afastado dele (...). Caso Freud tivesse mostrado um pouco de interesse humano, não apenas reconhecimento e apoio, talvez ele tivesse continuado a suportar mais tempo sua existência de mártir.” O terceiro, enfim, o testemunho de Deutsch, que atribuiu toda a responsabilidade pelo que tinha acontecido a Freud, embora reconhecendo seus sentimentos de culpa pelo fato de ter aceitado pôr fim à análise de Tausk (Roazen, 1991, p. 11).

Tenho para mim que único sonho de Anna Freud revela como ela e o pai viveram o suicídio de Tausk. Em carta para Freud, em 24 de julho de 1919, ela escreve —

Na véspera da tua partida de Viena, tive um sonho absolutamente terrível. Sonhei que a futura esposa do Dr Tausk havia alugado o apartamento do 20, Berggasse, em frente ao nosso para te abater e cada vez que você

queria se aproximar da janela, ela aparecia do outro lado com uma pistola. Senti muito, muito medo, e eu não parava de me precipitar à janela. Então, fiquei muito contente que você parta tão cedo, desde o dia seguinte de manhã, e que assim você tivesse escapado dela. Pode isso ter sido o objetivo do sonho: transformar o sentimento desagradável inspirado por sua partida em sentimento agradável? (Freud, S., & Freud, A., 2012, p. 207)²

Sabendo-se que Anna havia começado análise com o pai, à razão de 6 sessões por semana, 1h por sessão, análise que fazia com que o inconsciente de ambos se tornasse permeável um ao outro a tal ponto que Freud escreverá a Abraham sobre sua “telepatia” com a filha; sabendo-se de tudo isso, como não admitir que o sonho da filha correspondesse ao sentimento de culpa do pai? Esse sonho, mais do que muitos argumentos inúteis, põe fim à querela de Eissler contra Roazen mostrando de vez que o pesquisador tinha razão.

IV

MAPA PARA ABORDAR A PRESENÇA DE TAUSK NA HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

Partindo daí, temos os elementos necessários para fazer um mapa dos caminhos fundamentais a percorrer para delimitar as posições de Tausk na história da psicanálise. Tais elementos são os seguintes :

1 - Verificar a presença de Tausk nos vários escritos de Freud:

A Interpretação dos Sonhos, duas vezes;

O Inconsciente, várias vezes, de maneira importante;

A Necrologia, a despedida.

2 - Verificar a presença de Tausk nas Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena;

3 – Verificar a presença de Tausk nas correspondências de Freud com Lou Andreas-Salomé; Anna Freud; Sándor Ferenczi; Karl Abraham; Carl Gustav Jung, Max Eitingon;

4 – Verificar a presença de Tausk no *Psychoanalytic Electronic Publishing* (cerca de 329 menções).

Em posse desses elementos, teremos visão clara do que foram os dez anos de presença de Tausk no movimento psicanalítico de Viena. Restringir-nos-emos, aqui, a alguns deles.

Cartografia da presença de Tausk na obra de Freud como ela aparece nas Obras Completas

“III. “O Sonho é a realização de um desejo”, A Interpretação dos Sonhos, p. 155, *Obras Completas de Sigmund Freud*, Companhia das Letras, vol. 4 (1900)

Onde Tausk aparece como exemplo, entre outros, no relativo à observação de crianças.

VI - F - “Exemplos - Cálculos e Falas no Sonho”, *A Interpretação dos Sonhos*, p.451, *Obras Completas de Sigmund Freud*, Companhia das Letras, vol. 4 (1900)

“12) Exemplos de um trabalho de V. Tausk acerca de roupas e cores na representação onírica (1914)”.

Apesar disso, os índices da *Standard Edition* não mencionam o nome de Tausk, nem o índice geral no v. XXIV, nem os índices setoriais no final de cada volume.

VII. “A identificação do inconsciente”, O Inconsciente, *Obras Completas de Sigmund Freud*, da Companhia das Letras, vol. 12, (1914-1916), pp. 138-150, sobre Tausk, pp. 140-141, 144 - “O dr. Victor Tausk, de Viena, pôs à minha disposição algumas das observações que fez numa esquizofrenia incipiente, que apresentam a vantagem de a doente mesma ter dado explicação para suas falas. Mostrarei agora, tomando dois de seus exemplos, a concepção que pretendo defender, e não duvido que qualquer observador poderia facilmente produzir tal material em abundância.” Freud menciona os exemplos de Tausk durante duas páginas: “Algo semelhante vale para uma jovem paciente sobre o qual, anos atrás, Tausk fez um relato à Sociedade Psicanalítica de Viena.”

Necrologia de Tausk

Victor Tausk (1879-1919)

Escrito lamentando a morte do colaborador. Sublinho duas passagens.

1) Os elogios que faz ao percurso de Tausk e a dor que exprime com sua perda contrastam com o teor das cartas que Freud envia a Andreas-Salomé nessa mesma época, menosprezando o que o antigo colaborador

ainda poderia trazer para a psicanálise; 2) em momento algum Freud equaciona sua própria posição em relação a Tausk e o suicídio, o que havia transparecido no sonho de sua filha.

Obras Completas de Sigmund Freud, da Companhia das Letras, vol. 14, (1917-1920), pp. 402- 405.

Cartografia da presença de Tausk tal como aparece nas Atas da Sociedade psicanalítica de Viena

Em total de 112 reuniões da Sociedade de 7 de outubro de 1908 até 15 de junho de 1910, seu nome aparece pela primeira vez em 12 de outubro de 1909 até a última sessão da série, são 23 reuniões das quais Tausk participa ativamente com intervenções sempre pertinentes de extensão variável, tornando-se membro da Sociedade em 3 de novembro de 1909.

Em 24 de novembro de 1909, faz sua primeira conferência com o tema “Teoria do conhecimento e psicanálise”, à qual se segue extenso debate. Freud não acredita que o movimento psicanalítico já tenha maturidade suficiente para que se faça elaboração coletiva de tema tão amplo. Entretanto, apesar das dificuldades, Tausk lhe parece ser a pessoa adequada para realizar tal síntese. Ele o encoraja a fazê-lo e o convida para novas conferências sobre o tema.

Serão muitas as intervenções de Tausk nos debates, algumas mais extensas, outras rápidas. Por exemplo, na reunião de 10 de novembro de 1909, com relato clínico de Sadger sobre “Um caso de perversão multiforme”, a fala de Tausk é longa, fazendo o relato de seus próprios casos clínicos. Também na reunião de 1º de dezembro, quando Freud fala de “Um fantasma de Leonardo de Vinci”, sua intervenção é importante, dando exemplos de maneiras em que vários povos falam de seus órgãos sexuais. Foi bem acolhido por Freud, que o encoraja a prosseguir suas observações etnológico-psicanalíticas. Outras intervenções de Tausk são mais sucintas, guardando sua pertinência e sua capacidade de enriquecer as discussões.

Nos anos seguintes, 1910-1911, cujas Atas são reunidas em um terceiro volume, a participação de Tausk é diferente. São 42 reuniões das quais ele participa, sempre presente, sempre criativo, sempre estimulando os colegas. Nesse período, ele faz duas conferências — em 10 de maio

de 1910: “Uma contribuição à psicologia do masoquismo” — e em 18 de outubro do mesmo ano — “Exemplos de problemas que se colocam na análise e que aparecem como produtos da psicanálise”. No ano seguinte, na reunião de 3 de maio de 1911, Tausk anuncia iniciar curso na Associação de Médicos de Viena e convida os membros da Sociedade psicanalítica de Viena a participarem, além de duas intervenções mais consistentes em debates na reunião de 5 de abril e de 17 de maio, ambas sobre a análise de palavras presentes em sonhos. As demais participações de Tausk são breves, pontuais, embora sempre de alta qualidade.

O quarto e último volume das *Atas* reúne uma centena de encontros da Sociedade psicanalítica de Viena de 1912 a 1918. Desde 1912, Tausk ensina a psicanálise na Universidade e, desde 1913, os efeitos da guerra que se prepara têm repercussão direta sobre as *Atas*. Como Rank faz seu serviço militar, preparando-se para os combates, suas anotações tornam-se irregulares. Nesse período, sem contar com sua participação sistemática em todas as reuniões, intervindo sempre, Tausk faz as seguintes conferências:

- 27 de março de 1912: “A sexualidade e o Eu”;
- 27 de novembro: “Duas contribuições à psicanálise da inibição da produtividade artística”;
- 12 de março de 1913: “O problema do pai (Neurose e sociedade);
- 28 de janeiro de 1914: o “Narcisismo”;
- 8 de abril: discussão das contribuições de Federn e de Tausk,
- 3 de junho: Freud retoma o tema do “Narcisismo”,
- 4 de novembro: Federn e Tausk retomam a discussão sobre o “Narcisismo” com relatos clínicos;
- 30 de dezembro: “Contribuições da psicanálise sobre a melancolia”;
- 31 de março de 1915: “A psicologia do delírio de ocupação alcóolica”
- contribuições de Tausk ao texto de Freud sobre “O Inconsciente” (como assinalado acima).

Estes anos são os mais criativos de sua breve carreira. Com a exceção de seu texto seminal de 1919, “Sobre a gênese do ‘aparelho de influenciar’ no decurso da esquizofrenia”, nada mais ele publicará de tão importante quanto os textos desse período.

Visto a proximidade entre os temas tratados por ele — melancolia, narcisismo, sexualidade e eu — e os que Freud apresenta na época, — podemos abordar a pergunta feita por Freud a Lou Andreas-Salomé — “ele já sabe tudo isso?”, ao que ela responde faceira, sentindo virem os ciúmes — “Nada, naturalmente”.

V

A CORRESPONDÊNCIA ENTRE FREUD E ANDREAS-SALOMÉ³ E O DIÁRIO DE UM ANO (1912-1913)

LEVANTAMENTO E CATÁLOGO DAS REFERÊNCIAS A TAUSK NO DIÁRIO E NA CORRESPONDÊNCIA

O *Diário*, desde o início, revela-se fonte de primeira ordem para a abordagem da vida de Tausk em Viena. Começando por sua primeira entrada, em 30 de outubro de 1912, quando Andreas-Salomé se apresenta para noitada de discussões lançada por Alfred Adler, encontra uma só presença — Dr. Tausk — “*com amplos cabelos louros*” (p. 278). Dois dias depois, em aula de Freud sobre o inconsciente, o complexo e a pulsão, observa de novo a chegada de Tausk — ainda vestido com o jaleco branco da clínica — que vem sentar-se ao lado de Freud (p. 280). Na quarta-feira, 6 de novembro, após conferência sobre sadismo e masoquismo, Tausk e Federn a acompanham de volta para casa (p. 281). Tausk vai dar um curso sobre Freud, ela quer inscrever-se para assistir às aulas (p. 282). Uma semana mais tarde, em 12 de novembro, Tausk a visita em casa, levando como presente artigo de Jung (p. 283). No sábado seguinte, no dia 16, outra vez são Tausk e Federn a acompanharem de volta para casa. Ela anota em seu Diário que Tausk fala com paixão de Freud (p. 285). Em 19 de novembro, ela começa a assistir a suas aulas sobre psicanálise (p. 286). A partir daí, suas entradas no Diário sobre seu novo amigo vão ficando mais extensas. Nesse dia, por exemplo, ela anota que conversam muito, com frequência e com prazer. Em outra nota, tem a impressão de que ela própria poderia ter dito tal ou tal coisa dita por ele, ela descreve o estilo oratório de Tausk, que vai da periferia ao centro do problema, o oposto de Freud, que segue o caminho inverso (p. 289). Ela anota suas

ideias sobre o narcisismo ou o sadismo. Em 26 de novembro ela assiste a outra aula de Tausk sobre o Eu e o sexo. Ela descreve o tom apaixonado da fala do orador, a cor de seus olhos, verdes, e o fato de que ele parece infeliz, apesar de se adaptar bem ao mundo para o qual veio. Ela observa ser ele muito “freudiano” e que ninguém poderia acusá-lo do contrário (p. 294). No dia seguinte, assiste a outra conferência dele sobre as inibições artísticas, quando ele relata os casos de escritor e de pintor, concluindo por análise do narcisismo, de suas relações com o erotismo anal. Ela observa que entre os discípulos de Freud, Tausk é quem mais se apega a ele, sendo, ao mesmo tempo, dos mais criativos, buscando sempre realçar-se. Na discussão que se segue, apesar de Freud criticá-lo com severidade, aceita tudo que ele diz sobre “sublimações parciais” (pp. 295-296). No domingo, 8 de dezembro, encontra Tausk durante visita que fazem a Freud (p. 301). Em seguida ele lhe oferece tradução de um poema considerado por Goethe como o mais bonito que leu. Andreas-Salomé, entretanto, pensa que tal afirmação está longe de dizer a verdade do poema — quem o lê ou escuta fica feliz. Em todo caso, ela fica feliz que Tausk o tenha traduzido para ela (p. 302). A partir de sábado 14, encontra seu amigo todos os dias devido ao estágio que faz com ele, na clínica. Anota o que diz sobre a relação entre o clínico e o paciente, afirmando que, no início, o tratamento analítico desorganiza o analisando, se opondo a quem acha o contrário. Aprende com ele a ler Spinoza. Conversam sobre alcoolismo e homossexualidade (pp. 307-311). Pouco depois, ela entra em um café e assiste a debate em que Tausk responde ao conferencista. Ela anota ser seu amigo excelente quando responde. Na quarta-feira, 15 de janeiro, assiste à conferência de Freud sobre mágica. Durante a discussão, Tausk cria atrito com Ferenczi, “inútil”, ela considera (pp. 313-314). Na terça-feira, 21 de janeiro de 1913, assiste a outra aula de Tausk sobre a situação das mulheres na cultura e discute defendendo o ponto de vista do amigo (pp. 316-317). No sábado, 25, assiste à conferência dele sobre “O Sexo e o Eu” (pp. 320-321). Na terça-feira, 28, assiste a outra aula de Tausk sobre “O conceito de censura”. Voltando para casa, acompanhada por ele, discutem sobre o que ele dissera (pp. 322-323). Na quarta, 29, assiste à reunião da Sociedade, participa da discussão em que Tausk associa, a partir da fala de Freud, sobre a casuística do sonho. Quando sai da casa

de Freud, volta para a sua acompanhada por Tausk, com quem discute a respeito da censura (pp. 324-325).

É a partir de sábado, 8 de fevereiro, que a intimidade que pouco a pouco se desenvolveu entre ambos, aparece mais firmada. Ela vai à casa de Tausk, seus dois filhos a recebem arrumando vasos para suas flores, que recebeu de Freud. Ela sente-se em casa pp.(328-329). Nem bem a semana se passa, na quarta-feira à noite, de 12 para 13 de fevereiro, ela assiste à reunião em que Tausk, a pedido de Freud, deve criticar James Jackson Putnam, representante da psicanálise nos Estados-Unidos. Tausk havia escrito essas críticas em sua casa, dias antes, em 9 e 10 de fevereiro. Ela se emociona em seguida de vê-las levadas a público, no dia 12, Freud não aceita as críticas de Tausk, lhe tira a palavra. Isso não escapa aos outros, que acreditam que Tausk havia se vangloriado de ter tido o assentimento e o apoio de Freud. Andreas-Salomé admira a coragem do amigo em enfrentar Freud e o grupo. Porém, já no dia seguinte, na quinta-feira à noite, ela tinha sido convidada para jantar na casa de Freud, aonde vai sem Tausk. Talvez o pressentimento os levasse a serem discretos. Antes do jantar, Freud a chama para conversar, quer falar de Tausk, fala longamente sobre ele. Depois do jantar, de volta ao escritório de Freud, ele retoma o assunto, mais uma vez falando sobre Tausk. Tanto fala que Andreas-Salomé observa:

Freud encontra-se animado por suas mais sinceras convicções quando toma partido dessa maneira contra Tausk, sem a menor dúvida. Porém, independentemente dessa atitude ‘psicanalítica’ (no que concerne a atitude neurótica originária de Tausk), é claro que Freud não suporta a seu lado um espírito independente — sobretudo sendo ele agressivo e inflamado — o seguindo de perto, atingindo mesmo que de maneira involuntária seu egoísmo de pesquisador, levando-o a dar explicações apressadas. O valor para a causa de um espírito independente só se revela ao longo do tempo, o que acarreta no presente lutas inevitáveis com toda probabilidade. É certo que Freud percebe tudo isso como inoportuno e lamenta a bela paz da qual desfrutava para suas pesquisas até cerca de 1905 — quando foi fundada sua ‘Escola’ — E quem poderia não desejar que ele pudesse desfrutar sempre de tal paz? (pp. 332-333).

Porém, essa “bela paz” é invenção de Freud. Quando houve “paz”? Durante os seus conflitos com Breuer? Logo depois, durante seus

dissabores com Fliess? E tudo que conta em suas cartas para Fliess das lutas incessantes travadas para o reconhecimento da psicanálise? A partir de 1902, começam as reuniões das quartas-feiras em sua casa. Já aí são lançados os esteios de novos conflitos. A “bela paz” é invenção para seduzir neófitos. Andreas-Salomé faz parte deles.

No dia seguinte às longas conversas de Freud sobre Tausk, em 13 de fevereiro, durante discussão sobre o onanismo, Andreas-Salomé escreve sobre a inibição de Tausk em participar dos debates. No dia 19, assiste à reunião na qual, de novo, as posições de Tausk e Freud convergem. No sábado, 22, ela, Tausk e seus filhos vão ao cinema, se divertem. Em Viena, ela e o amigo vão sempre ao cinema, nem que seja por meia hora. Assistem à conferência sobre “a inversão”. Ela e Tausk têm muitas ideias interessantes sobre o tema da sexualidade e do Eu; porém, de volta para casa, estão de tal maneira cansados que não conseguem escrever, logo devem parar e ele vai embora (pp. 335-336). Depois, passam juntos o domingo, 2 de março, conversando sobre lembranças de quando eram crianças:

Domingo, os moleques vieram com Tausk à minha casa porque eu ainda não saíra. Isso, de o ver com as crianças, me deixou particularmente alegre, e não apenas em pessoa”. Nesse domingo de tarde, ocorreu entre esses três o que em relações normais ocorre na vida cotidiana: pretensão e severidade e se manifesta com mais força toda uma massa do passado e do futuro aglomerados de certa forma no momento presente e fugitivo. Falamos do perigo e da necessidade da proibição. Tausk diz que o recalque primário se deve sempre à violência dirigida contra as crianças, às ordens ou à punição: razão pela qual os recalques, em geral, vêm desde o infantil. Se recalques mais tardios aparecem por outras razões, sem que no inconsciente estejam presentes esses velhos precursores, eles não se fixam, ou seja, podem tornar-se de novo conscientes, embora, geralmente, eles tenham o hábito de seguir o caminho no qual melhor se realizam.

De suas próprias experiências de criança: quando sua mãe ralhava com ele, ele respondia, dentro de si, à estas ralhadas e acusações: ‘Você também! Você mesma!’ e como, com o tempo, isso o acalmava de maneira automática e definitiva... até o dia em que isso lhe escapou e se colocou lá, diante dele, como algo estranho, inconcebível.

E também como, no auge de crise de cólera que *precisava* se manifestar através de ação, ele foi até o cômodo onde havia um retrato de sua mãe ainda jovem e lhe furou o peito à altura do coração com alfinete — em

consequência, ele quase não conseguia mais entrar nesse quarto, como se ele tivesse nele perpetrado um assassinato. Mais tarde, sua mãe aludiu ao retrato “riscado” o que lhe surpreendeu; foi verificar, constatou que o retrato só estava mesmo riscado e que o ato de furar só havia sido realizado em um processo interior.” (pp. 340-341)

Na quarta-feira, 5 de março, participa de roda de discussões, assinala a intervenção de Tausk sobre a utilização de tal conceito em psicanálise. Pouco mais tarde, assiste à aula do amigo sobre neurose obsessiva e o sentido das lacunas. Ela anota todas as referências feitas a Freud. Em particular, assinala como o amigo utiliza seus próprios problemas com memória, sua incapacidade em se lembrar os nomes dos cinco sentidos. Sublinha como as lacunas se acentuam para Tausk quando fala de coisas muito íntimas (pp. 345-346)

Durante as reuniões da quarta-feira, 12, e da sexta-feira, 14 de março, sobre “Psicanálise e teoria da evolução”, ela faz anotações especiais. A primeira, após ter assistido à aula de Tausk sobre o “Problema do pai”, que ele termina apressado. Durante a aula, Freud não para de lhe enviar pequenas notas com rabiscos, coisas escritas às pressas, entre elas a que diz — “Ele já sabe tudo?” — ao que ela responde da mesma maneira — “Nada, naturalmente.” E ela acrescenta, em seguida, “(Trata-se de confidências que Freud me fizera).” E prossegue: “Ele (Freud) rejeitou a aula devido ao fato de que faltava a utilização da psicanálise com a neurose (que havia sido evitada com cuidado) e porque a referência ao matriarcado segundo Bachofen havia dado cunho unilateral à concepção.” Freud sai da aula antes dela. Ela corre para encontrá-lo sozinha, sobe no carro em que ele a espera, sente a inquietude do amigo em relação a Tausk, tenta acalmá-lo.

Sexta-feira de noite, convidada para a casa de Freud. Desde antes do jantar e também em seguida, Freud discutiu muito, insistindo, sobre toda a história Tausk. Para terminar, ele se mostrou cheio de simpatia, até com alguma ternura. Ficou comigo até tarde. Chegando à 1h, me leu o trabalho que terminava para *Scientia* e o discutiu comigo. Em suma trata-se de resumo das utilizações possíveis da psicanálise no domínio científico e prático. Volto para casa com ele às 2 e meia. (p. 347).

Na quarta-feira, 12, e na sexta, 14 de março, ela assiste às conferências sobre “Isolação e Reunificação”. Anota que na interpretação dada para o

sentimento de culpa, o fator angústia de Tausk já se encontrava bastante antecipado. E, de noite, participando de conversa sobre os “espíritos criativos”, anota ter feito o amigo comentários evidentes para ela. Entre outros, primeiro sobre as relações entre o físico e o psíquico; em seguida, sobre a banalidade, que não seria carência do espírito, mas carência de vida — simplesmente o que não cresce mais, cessa de se desenvolver e, seja qual for a inteligência, se desgasta pouco a pouco, e torna-se banal. O melhor exemplo disso seria o próprio Tausk: ainda estudante no Ginásio, chegou à crítica de Deus, que parecia justificada e objetiva, porém motivada em segredo pelo deslocamento da imagem do pai, que continuava intangível, tendo sido substituído por mais alto personagem. Mais tarde, conversa com Tausk a respeito do que a ela lhe parece como “erro” do método, vindo do fato de que o prazer preliminar é tratado por descrição psicológica enquanto o prazer terminal recebe tratamento fisiológico. Ambos desenvolvem essas noções. Andreas-Salomé sublinha estar de acordo com Tausk a respeito da abordagem da ternura enquanto noção e campo limites da consciência. Ainda nessas mesmas noites do 12 e do 14 de março, discute com Tausk sobre o “Barroquismo”. Ela relata no Diário ter ouvido algo curioso contado por ele, depois de períodos de intensa produtividade *intelectual*, quando, de certa forma, ficava fora de si devido a perturbações exteriores e interiores; de maneira espontânea ele se tornava *hipersensível* em relação a formas e linhas, ele podia acompanhar com os olhos durante muito tempo o movimento de um cavalo ou se fixar em outras formas, como o ‘S’ do pé da mesa. Prosseguem discutindo sobre a maneira como as zonas erógenas se põem a serviço do *Eu*, dando lugar, por exemplo, à sublimação. Andreas-Salomé lembra-se de explicação *genética* do sadismo ligado ao masoquismo, explicação que lhe parece ser a mais plausível: o elo entre ambos teria origem na época em que a criança não pode ter acesso ao prazer sexual terminal e, por isso, se entrega ao prazer preliminar da luta, levando ao limite a intensidade da dor, “fixando” assim o ataque ou a derrota, ambos assemelhados ao prazer terminal. Só assim se compreende a insistência em infligir o sofrimento ou suportá-lo. Logo depois dessa anotação, Andreas-Salomé recorda de outra, quando conversava com Tausk sobre “Infidelidade”, quando ele lhe havia falado sobre as faculdades espirituais

das mulheres de “se unir em espírito com frequência” como tipo de poliandria elaborada (sublimada) (pp. 349-356).

Temos, ainda, a observação de 11 de maio de 1913, sobre o que ele diz da sublimação. “O que chamamos de sublimação é, por sua própria natureza, a realização de nós mesmos” (o termo de Tausk, ‘elaboração’, cada vez mais utilizado, é de longe o melhor) (p. 378). A próxima entrada do Diário leva à data de 21 de agosto a 5 de setembro de 1913; em subtítulo, ela escreve “A propósito do narcisismo — Viena, fim de agosto de 1913.

“Maravilhosa, bela, essa chegada em Viena, esse trajeto até minha casa com Tausk, o velho número (quarto) 28, com todos esses vasos de flores frescas à janela, até mesmo o pessoal, tão cordialmente acolhedor. (...) Durante nossos trabalhos sobre o narcisismo, Tausk fez duas observações: ‘Se é verdade que as determinações são insuficientes no campo psicológico, é certamente menos por haver muitos determinantes diversos trabalhando e mais pela diversidade de suas origens: é isso que torna o resto opaco’. — ‘É preciso distinguir no narcisismo os mecanismos intelectuais que o fazem se realizar’. (p. 395).

A seguir, parágrafo sobre a definição dada por Tausk da libido, que lhe parece ruim ou explicitada de maneira insuficiente (p. 396). E aí começam as páginas que levam como título — **Victor Tausk**

Tausk e eu discutíamos sobre a comparação do alfabeto: ele disse que se alguém lhe quisesse mostrar as letras em nova e diferente ordem (como elas parecem estar ordenadas de forma diferente quando se aprende o alfabeto e a leitura de palavras separadas), ele se submeteria a esta experiência; mas não é possível pensar nisso. Ele esquece que a comparação só se aplica a formulações lógicas: se isto fosse “formulável”, nenhum novo significado sairia das letras, mas tão certo quanto elas são apenas meios de expressar significados que só são interpretáveis a partir delas, assim é com relação à apreensão lógica. A distorção das letras e do significado é superada pelo intérprete, como a distorção entre o fato empírico-lógico isolado e sua interpretação por toda a experiência humana. Como tudo que é logicamente dirigido só pode ser tornado possível por um grão de afeto, que fixa firmemente a atenção sobre ele, de maneira geral, as experiências humanas não são apenas aquelas que adivinham subjetivamente os enigmas das coisas, mas os únicos intermediários possíveis e objetivos entre o que pode ser analisado

isoladamente e o sentimento do todo. Eles não são apenas materiais para pesquisa psicanalítica, mas a verdadeira junção com o universo: o cordão umbilical pelo qual estamos acorrentados ao todo, até certo ponto a parte mais objetiva em seu sentido mais pessoal, o único fato objetivo que existe - que não se construiu a partir do secundário, mas *construiu ao seu redor um mundo de objetos que se originam dele*.

Na psicanálise, o pensamento é claramente direcionado para dois objetivos diferentes ao mesmo tempo. Por um lado, enquanto resolve formações patológicas, permite a consciência do que afundou na inconsciência e se baseia neste sentido nas leis da evolução; por outro lado, na forma de acesso à psicologia mais profunda, nos revela aquelas inconsciências que formam o fundo constante do nosso próprio Ego consciente e vai em direção à lei da existência. Somente no segundo caso, onde suas ações e descobertas mais magníficas podem ser localizadas, recomenda-se cautela, para não deixar que a análise prática seja esquecida em sínteses teóricas. Mas esta cautela também pode ser exagerada.

O pensamento psicanalítico pode ser obstáculo ao pensamento sintético, ao invés de elucidá-lo, quando não se deixa qualquer conexão filosófica ligar-se a ele (o que é bom e justificado), mas novamente se o fecha com os mesmos meios que ajudaram a libertá-lo. O método psicanalítico de pensamento contém suas possibilidades de reflexão dentro da psicologia, e na medida em que se torna mais exclusiva e inequivocamente precisa, nos domínios biológico e físico, deve, por outro lado, deixar seu próprio domínio aberto para a outra direção, a da filosofia.

Onde isto se torna mais perigoso é com aqueles analistas que praticamente precisam deste método eles mesmos: só assim posso explicar como Tausk, uma 'cabeça' filosófica, se é que alguma vez houve uma, cortou-a ele mesmo, por assim dizer, ao invés de usá-la pelo menos aos domingos e feriados. Quando ele pensa de forma sintética, ele imediatamente se 'supera', de consciência pesada, porque no final ele só 'pensa' em sua própria análise prática e, por esta razão, *nunca* de forma sintética, mas, por esta razão também, e com relação à psicanálise, de forma muito acrítica e *ao mesmo tempo muito crítica* (por resistência): e lá, colocando a culpa de volta em Freud. E é assim que a relação entre Tausk e Freud me aparece em todo o seu drama: eu entendo que, uma e outra vez, ele vai cair *novamente* nos mesmos problemas e tentativas de solução em que Freud está trabalhando - que isto não é coincidência, mas a necessidade violenta de 'fazer-se-seu-filho', assim como a de 'odiar-o-pai' por esta razão. ele está constantemente ocupado com as mesmas coisas que Freud

por uma transferência de pensamento, ele nunca vai dar aquele passo de lado que lhe daria espaço. Poder-se-ia ter tido a forte impressão de que isto se devia às circunstâncias, mas no final foi devido a ele.

É óbvio que as pesadas circunstâncias do *Rigorousum* e os conflitos domésticos o impediram de ler o suficiente e, portanto, de se orientar sobre o que parecia relativo aos seus problemas; e ainda, sinto-me bem agora, depois deste trabalho com ele, que por trás de tudo isso, há também pano de fundo pessoal; o que ele *quer* é este cego e surdo ‘sobretudo-não-se-empurrar-para-se-expressar’, tanto sofre ele sob o peso Eu.

Talvez também isto: certa deficiência do criativo é preenchida por uma identificação com o outro (‘se-sentir-filho’) e gera constantemente a sensação de que o lugar já está ocupado.

É interessante e curioso como alguém, em todas as análises (todos eles são deslocamentos próprios, e o desejo nostálgico que ele sente por eles é apenas o desejo nostálgico de ser analisado) pode penetrar até o nível mais profundo e ainda assim perder o que está muito próximo quando ele o encontra. Quando lhe falei sobre esse ‘ser-mãe’ que carrega dentro de si, no início foi como se ele tivesse se livrado - e então, nos dias seguintes, mais atormentado do que nunca: a massa de resistência que tinha impedido esse conhecimento estava desesperadamente procurando saída. Se isto não tivesse se tornado patológico, quão bela seria esta combinação de ‘sentimento maternal’ nele, ou seja, nascido da inversão daquela ternura e ardor no entendimento, e daquela grande força que tantas vezes se poderia acreditar ser ingenuamente e profundamente saudável; seria *extraordinariamente bela* de fato! Nos momentos em que ele se comporta desta maneira, vemos estes gestos muito especiais que lhe parecem tão particulares, e o fazem tomar por aquilo que ele não é (talvez algo entre ‘foi’ e ‘será’, talvez também *nada* que ainda tenha essência). E então há sempre estes contrastes não mitigados do que Freud chama nele de ‘fera predatória’ (o que o ajuda, pelo menos, a encontrar-se na existência prática) e uma sensibilidade dolorosa a ponto de se dissolver a si mesmo. Tudo isso é tão duro de ver que viramos a cabeça - e gostaríamos de ir embora. Pois ele se engana sobre si próprio, e delira. No final, não pode existir aí nenhuma relação *de ajuda*: não pode haver nenhuma relação em que toda a realidade está envolta em reminiscências originais abreviadas. Todas as ressonâncias são distorcidas: e até mesmo, em certa medida, afogadas por barulhos internos.

Logo no início, senti essa luta em Tausk, e foi isso que me comoveu mais profundamente: a luta da criatura humana. Animal, meu irmão: Você. (pp. 396-399).

Depois dessa extensa nota, o Diário muda o teor de suas referências a ele. O amigo íntimo torna-se companheiro da Sociedade, a intimidade é reservada para Freud. É assim que aparece referência a Tausk no Congresso em Munique, em 7 e 8 de setembro de 1913, com anotação sublinhando que, ao sentar-se junto a Freud para consolá-lo da ruptura com Jung, Tausk veio a sentar-se perto dela também, o que motivou certa frieza de Freud em relação a ele. Mesmo estando de acordo com o fato de que, devido às novas circunstâncias criadas com o afastamento de Jung, Tausk se tornaria mais importante (“inteligente e perigoso”, como dizia Freud, “ele sabe latir e morde”). A constelação política atual impunha falar alto e forte contra Jung. E era o que Tausk fazia muito bem. Mesmo tendo de se ausentar a partir do segundo dia do Congresso, antes de partir, ele atacou Jung. (pp. 401-402)

Na última anotação do Diário onde aparece o nome de Tausk, Andreas-Salomé já o faz a partir de suas preocupações com Freud. Ela observa que Ferenczi e Tausk preocupam Freud por razões opostas. Embora ambos se interessem em estabelecer pontes entre filosofia e psicanálise, o fazem de maneiras diferentes. Ela não se estende sobre o assunto; o Diário vai chegando ao fim. Suas últimas páginas são dedicadas a Rilke, a Eitingon, aos contatos de Andreas-Salomé no que ela chama de “escola de Freud”. A partir daí, teremos que seguir Tausk por meio das Correspondências, a principal delas a existente entre Freud e Andreas-Salomé, quando seu nome é mencionado algumas vezes

1) Carta em data de 31.1.1915, Freud escreve à amiga para lembrá-la de que o tema do narcisismo se lhe tornou familiar por sua participação nas aulas de seu amigo. Freud pretende ou pensa ter sido incapaz de seguir o pensamento de Tausk. Confessa que o interesse dela por seu jovem colaborador lhe teria imposto de se reter a seu respeito. Sua última frase insiste sobre aquela incapacidade, afirmando nada ter obtido com ele, o que em retrospecto nos surpreende, sabendo o papel de Tausk no escrito de Freud sobre o *Inconsciente*.

2) Carta em data de 15.10.1916, em cartão-postal enviado por Andreas-Salomé, comunica a Freud ter lido com prazer o artigo de Tausk, que ela supõe ter encontrado seu caminho. O editor Ernst Pfeiffer, pela data do cartão, supõe ser o artigo de Tausk sobre as neuroses de guerra,

pois nessa época ele era médico-chefe do departamento de psiquiatria de hospital militar.

3) Freud comunica seu suicídio à amiga em carta do 1º de agosto de 1919:

O pobre Tausk, a quem a senhora durante algum tempo favoreceu com sua amizade, suicidou-se no dia 3-7. Voltou abatido com os horrores da guerra, defrontou-se com a necessidade de estabelecer, nas condições mais desfavoráveis, a prática médica em Viena, que havia perdido por ter sido chamado para o serviço militar, pretendeu casar de novo há apenas uma semana — mas decidiu de outra maneira. Suas cartas de adeus para sua noiva, sua primeira mulher e para mim eram todas igualmente afetuosas, insistiam na clareza de sua mente, e culpava apenas sua inaptidão e seu fracasso na vida. Portanto, não trouxeram nenhuma chave para seu último ato. Em sua carta para mim, jurava lealdade imorredoura para com a psicanálise, agradecia-me etc. Mas o que estava por trás disso tudo não podemos adivinhar. Afinal, passou seus dias lutando corpo a corpo com o fantasma do pai. Confesso que não sinto realmente sua falta. Há muito havia percebido que ele não podia mais ser útil e até mesmo que constituía uma ameaça para o futuro. Tive a oportunidade de vislumbrar uma ou duas vezes os fundamentos sobre os quais se apoiavam suas sublimações altamente ambiciosas. E o teria abandonado há muito tempo se a *senhora* não o tivesse soerguido tanto em minha estima. É claro que estava pronto a fazer qualquer coisa em prol de seu avanço, apenas, ultimamente, eu mesmo tenho estado bastante impotente devido à deterioração geral das condições em Viena. Nunca deixei de reconhecer seus notáveis dotes. Mas a ele foi negada a expressão em realizações de valor correspondente.

Para a minha velhice escolhi o tema da morte. Defrontei-me com uma noção notável baseada na minha teoria das pulsões e agora preciso ler todo tipo de coisa a ela pertinente, como, por exemplo, Schopenhauer, pela primeira vez. Mas não gosto de ler. (p. 132*⁴)

E termina. E é aqui, na rápida passagem de parágrafo a outro que se revela um dos segredos de *Além do princípio de prazer*. É o suicídio de Tausk que o leva ao tema da morte.

O que nos leva a concluir “Pulsão de morte — teu nome é Tausk.”

Entretanto, a comparação minuciosa entre a carta de Freud à amiga e o que escreve na “Necrologia” nos leva a mais surpresas. Para Andreas-Salomé, ele escreve não sentir falta do antigo colaborador que já não prometia mais nada, enquanto na “Necrologia” afirma —

A consideração psicanalítica dos problemas filosóficos, para a qual ele mostrou talento especial, promete se tornar cada vez mais fecunda; um dos últimos trabalhos do falecido, sobre a psicanálise da função do juízo — inédito, por ele apresentado no último congresso psicanalítico — evidencia essa direção do seu interesse.

Além de talento e inclinação filosófica, Tausk mostrava excelente aptidão médico-psicológica, e alcançou belas realizações também nesse campo. Sua atividade clínica, à qual devemos pesquisas valiosas sobre diferentes psicoses (melancolia, esquizofrenia), justificava as maiores esperanças e deu-lhe a perspectiva de cargo de docente na universidade, ao qual se candidatava.” (p. 40).

Freud continua a necrologia tecendo elogios ao defunto. O que resumimos basta à compreensão das esperanças que ainda assinala em Tausk, ao contrário do que escreve à Andreas-Salomé. Apesar de morto, ou justo por isso, Tausk intensificava os conflitos de Freud.

A Freud, ela responde em 25.8.1919, agradecendo o envio de *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* e comentários de Freud sobre um caso clínico cujo relato ela o fizera em algum momento. Depois, prossegue:

Suas notícias sobre o pobre Tausk foram total surpresa para mim. Gostava dele, pensava que o conhecia e nunca, nunca teria pensado em suicídio no caso dele (para mim, suicídio bem-sucedido — isto é, não apenas uma tentativa ou ameaças — parece até certo ponto prova de sanidade mais do que o contrário). É verdade que não tenho ideia do método que escolheu (como médico, teria acesso fácil ao veneno). Se usou revólver, posso imaginar que sua morte tenha representado última e suprema satisfação libidinal, ou seja, ato de violência e de sofrimento de uma só vez. Pois esse era o problema de Tausk, seu perigo, que ao mesmo tempo constituía seu encanto (numa linguagem não psicanalítica, isso resultava numa alma arrebatada com um coração terno). Quando o senhor escreve ‘que fundamentalmente não sente falta dele’, parece-me não apenas compreensível; pois também eu sentia nele uma espécie de ‘ameaça para o futuro’, tanto pelo senhor como pela psicanálise, da qual conscientemente, contudo, ele era um expoente tão entusiasmado e genuíno. Tausk sabia de meus receios (**5) quanto a ele e de minhas apreensões quanto à sua determinação de seguir carreira acadêmica em Viena. Em março, quis transferir-se para Munique, mas não concordei. Não respondi à sua última carta, bem como a muitas outras anteriores. E ele tinha razão em escrever

há um ano atrás: 'Ninguém deseja a companhia de um desgraçado infeliz — nem mesmo a senhora.' Não, nem mesmo eu.

A figura realmente trágica e amada neste caso é sua irmã Jelka. Gostaria de escrever-lhe se soubesse seu endereço em Viena e o nome de seu marido, que esqueci. (p. 134).

Parece que o que realmente esqueceu — e tanto, que esquece que esqueceu — foi a última carta de Tausk que dele recebera em 26 de março:

Desde o Congresso de Munique de 1913, mal tenho falado com outra pessoa. Minha solidão é agora completa. Cheguei agora aos quarenta anos e gostaria de encontrar uma companheira para meus dias. Você sabe de alguma mulher que valesse à pena conhecer?... Freud demonstra respeito, mas pouco calor. Ainda assim nossa relação está melhor, agora que não mais a procuro. (p. 293)

Pouco depois, Tausk suicida-se. Atribuí-lo com exclusividade ao que se passava entre ele e Freud seria exagero. Roazen mostra passo a passo os últimos dias de Tausk, suas últimas horas. Já havia relatado suas confusões entre mulheres e pacientes. Seu suicídio obedece a constelações de fatores, em que Freud ocupa lugar importante, certo, porém apenas um. O que é também a opinião de seu filho, como veremos a seguir.

VI

Devemos ainda lembrar Marius Tausk, este filho. Terminado seu livro, Roazen lembra:

Quatro anos mais tarde, em 1938, a velha guarda em torno a Freud teve mais uma ocasião para se lembrar de Tausk. Os nazistas estavam expulsando Freud e seus discípulos de Viena, e os psicanalistas, agora com dificuldades financeiras, tinham ouvido falar que Marius, o filho de Tausk, prosperava como endocrinologista na Holanda; assim Federn entrou em contato a fim de tentar um reembolso dos empréstimos feitos a seu pai. Hitschmann, Jekels, Steiner e Federn haviam ajudado Tausk durante seus estudos de medicina. Tão logo informado da dívida, Marius não hesitou a pagar. (Roazen, 1995, p. 173).

Federn aproveitou para falar da dívida de Tausk com Freud. Marius não hesitou, de pronto entrou em contato com ele. Freud, porém, afirmou que

se dívida houvera, teria sido pequena, que não mais se lembrava de quanto teria sido, e ele não deveria continuar a se preocupar com o assunto.

Anos mais tarde, em 1973, Marius Tausk publicou ainda outro artigo (Tausk, 1973, pp. 323-335), após as querelas entre Kurt Eisler e Paul Roazen a respeito de Tausk. Em defesa dele, baseado em cartas inéditas de Victor Tausk, Marius estabelece as linhas principais da biografia do pai, suas razões de ter estudado Direito, de se mudar para Viena, trabalhar como jornalista, como ator, antes de começar estudos de Medicina, quando se especializa em psiquiatria, em paralelo com sua formação em psicanálise. Descreve o casamento dos pais, os altos e baixos pelos quais passam, as mudanças de cidades, o apego de Tausk aos filhos, apesar de não conviver com eles. Marius termina lembrando três eventos importantes em sua vida com o pai, todos os três ligados a estadias com ele, sendo a terceira a mais importante, por ter sido dois dias antes de seu suicídio. Quando se separaram na ferroviária, o pai lhe disse — “Não siga o meu exemplo.” — O que Marius entendeu como implicando uma seqüência: “Não siga o meu exemplo. Você deve encontrar seu próprio caminho” (Tausk, 1973, p. 332)⁶.

Entre as conclusões, encontramos estas:

Nada tenho a dizer sobre a relação entre meu pai e Freud. Tudo que posso dizer é que, antes de meu encontro com o Dr. Roazen, nunca me ocorreu que essa relação possa ter tido qualquer papel enquanto causa do suicídio de meu pai.(...) Quando o Dr. Roazen me apresentou sua ‘hipótese-da-rejeição’, fiquei inteiramente incrédulo, mas confesso que depois de ter lido toda a história, ela me impressionou como sendo bem mais convincente do que eu havia pensado. (Tausk, 1973, p. 333).

Hoje em dia, tudo isso tem certa importância, porém nada de conclusivo. Está claro que o campo da psicanálise não é mar de rosas nem céu com nuvens azuis, sendo mais chegado a turbilhão de tempestades. O essencial é a criatividade que se manifesta e, desta, Tausk deu muitos exemplos.

Concluindo nosso trabalho, estamos cientes de que não abordamos muitos aspectos anunciados no começo. Ficamos longe de verificar a presença de Tausk em todas as correspondências de Freud, nem tentamos fazer síntese de tudo que se encontra no *Psychoanalytic Electronic Publishing*. Nosso programa teria implicado trabalho exaustivo, porém

aqui se tratou apenas de apresentar um Mapa para abordar a presença de Tausk. Esperamos que tal Mapa traga ao leitor atento vislumbre da sombra deste grande psicanalista e lhe acenda a curiosidade de continuar sua pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Andreas-Salomé, L. (1970). *Correspondance avec Sigmund Freud suivie du Journal d'une année (1912-1913)*, tradução do alemão Lily Jumel, Paris: Gallimard.
- Birman, J., & Katz, C. S. (Orgs.). (1990) *Tausk e o Aparelho de Influenciar na Psicose*, tradução Jorge Bastos, São Paulo: Escuta.
- Freud, S., & Freud, A. (2012). *Correspondance 1904-1938*. Paris: Arthème-Fayard, tradução O. Mannoni.
- Freud, S. (2015). *Cartas de Freud a sua filha. Correspondência de viagem, (1895-1923)*, tradução C. Abeling, Amarilys, Barueri, São Paulo.
- Freud, S., & Andreas-Salomé, L. (1966). *Briefwechsel*, S. Fischer Verlag GmbH: Frankfurt am Main.
- Freud, S., & Andreas-Salomé, L. (1975). *Correspondência completa*, tradução de Dora Flacksman, Rio de Janeiro: Imago⁷.
- Roazen, P. (1995). *Irmão Animal - A História de Freud e Tausk*”, Tradução: S. Titan Jr., Imago.
- Roazen, P. (1991). Sexuality, war, and schizophrenia. *Collected Psychoanalytic Papers of Victor Tausk*, translated by E. Mosbacher, M. Tausk, W. G. Niederland, & D. Feigenbaum, London and New York: Routledge; Taylor and Francis.
- Tausk, M. (1973). Marius Tausk: Victor Tausk as Seen by his Son, *American Imago*, 323-335.
- Tausk, M. (1976). *Œuvres psychanalytiques*. Tradução de Bernard e Renata Borie, Jean Dupleix e Jean-Pierre Descombey, Jean Laplanche e Victor Smirnoff, com prefácio de T. Neyraut-Sutterman e posfácio de J. Gillibert, Paris: Payot.

NOTAS

¹ Nascido em Boston, Massachusetts, educado em Harvard, foi professor de Teoria Política no Departamento do Governo nessa mesma instituição. Foi professor de Ciências Sociais e Políticas na Universidade de York, em Toronto. Como historiador da psicanálise, entrevistou pacientes e alunos de Freud, além de ter pesquisado nos arquivos do Instituto Britânico de Psicanálise, dentre outros. Como autor, publicou inúmeros livros importantes, entre os quais *Irmão Animal* e as obras completas de Tausk em inglês.

- ² Apesar de haver tradução brasileira desta correspondência, ela não inclui essa carta; veja-se Freud, 1904.
- ³ Sigmund Freud – Lou Andreas Salomé – *Correspondência completa*, tradução de Dora Flacksman, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975. Assinalamos que a edição brasileira não apresenta o Diário de Lou Andreas-Salomé tal como ele foi editado na França. Na edição inglesa, o Diário é livro à parte. E ele não existe em alemão. Assim sendo todas as páginas aqui indicadas correspondem à edição francesa — *Lou Andreas-Salomé Correspondance avec Sigmund Freud suivie du Journal d'une année (1912-1913)*, traduzido do alemão por Lily Jumel, Paris, Gallimard, 1970.
- ⁴ Passamos aqui aos números das páginas da edição brasileira da *Correspondência completa* já mencionada. Além disso, nos permitimos corrigir o tradutor. Com efeito, a palavra usada por Freud em alemão é *Triebe*, hoje traduzida como pulsão em contraposição ao *instinkt*, também utilizado pelo mesmo autor. (Veja-se SF-LAS, 1966, p. 109).
- ⁵ (na margem) porque até mesmo um caráter tão forte é impotente contra a violência desenfreada de seu ser interior.
- ⁶ « *Kümmere Dich nicht um mich* »
- ⁷ Assinalamos que a edição brasileira não apresenta o Diário de Lou Andreas-Salomé tal como ele foi editado em sua edição francesa. Na edição inglesa, o Diário é livro à parte. E ele não existe em alemão. Assim sendo, todas as páginas aqui indicadas correspondem à edição francesa.

Recebido em 10 de dezembro de 2021

Aceito para publicação em 3 de fevereiro de 2022